

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



ΑΠΟ ΤΗΝ ΕΠΙΣΤΗΜΗ ΤΗΣ ΓΛΩΣΣΟΛΟΓΙΑΣ
ΚΑΙ ΤΗΣ ΑΡΧΑΙΟΛΟΓΙΑΣ
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

ESTHER PONS MELLADO, *Terracotas. Catálogo del Museo Egipci de Barcelona*, 1, Barcelona: Fundació Arqueològica Clos, 2008, 56 pp., ilustrado. ISBN 978-84-932007-8-7

Depois de, em 1995, Esther Pons Mellado ter estudado e publicado o interessante acervo de terracotas egípcias do Museo del Oriente Bíblico do Mosteiro de Montserrat, nas vizinhanças de Barcelona, e ainda o acervo congénere do Museu Arqueológico Nacional, em Madrid, oferece-nos agora esta egiptóloga espanhola o catálogo das terracotas egípcias do Museu Egípcio de Barcelona (de seu nome oficial o Museo Egipci, que é tutelado pela Fundação Arqueológica Clos). Da primeira obra referida, agora já com quase vinte anos, foi feita uma recensão que saiu publicada na revista *Cadmo* 6/7 (*Terracotas Egípcias de Época Greco-Romana del Museo del Oriente Bíblico del Monasterio de Montserrat*, pp. 181-183).

A Autora, doutorada em Egiptologia (e que tem colaborado com a revista *Cadmo*), é conservadora do Departamento de Antiguidades Egípcias do Museu Arqueológico Nacional e integra a Missão Arqueológica de Oxirincó (El-Bahnasa), dirigida pelo Professor Josep Padró, da Universidade de Barcelona, e que nos últimos anos tem revelado à comunidade científica e ao público em geral importantes achados no local.

A obra que aqui apreciamos está organizada como um catálogo bilingue, com as páginas pares apresentando o texto castelhano e as ímpares a versão em inglês, abrindo com um prefácio que constitui uma apresentação institucional assinada por Jordi Clos Llombart, presidente da Fundação Arqueológica Clos (pp. 6-7).

Segue-se uma breve introdução ao núcleo das terracotas egípcias da Época Greco-romana pertencentes ao Museu Egípcio de Barcelona, sublinhando a Autora que se trata de uma das mais importantes coleções privadas do género existentes em Espanha (p. 10), as já mencionadas coleções de terracotas do Mosteiro de Montserrat e do Museu Arqueológico Nacional e ainda as da Real Academia de Córdoba e Fundação Cristóbal Gabarrón.

Depois o leitor beneficia da leitura de uma «Aproximación histórica» (pp. 10-12), que lhe permitirá contextualizar a produção destas típicas figurinhas desde a chegada de Alexandre, em 332 a. C., até ao século IV d. C., quando o cristianismo se vai implantando solidamente no Egito. As áreas de produção das terracotas foram principalmente Mênfis (de onde são oriundas as peças mais antigas, datadas da XXVII dinastia de reis persas), um centro de olaria que veio a influenciar as oficinas de Alexandria, já no período ptolemaico (mais de timbre grego que egípcio), e as do Faium, as quais mostram uma

curiosa simbiose cultural entre as formas clássicas do mundo greco-romano e as autóctones (Época Greco-romana). Quanto à sua finalidade, elas podiam decorar as habitações ou ser usadas como brinquedos, podendo ainda ser oferecidas em santuários e templos a diversas divindades, e também, seguindo as milenares tradições do país do Nilo, ser depositadas nos túmulos.

Sendo essencialmente objetos com um forte caráter popular, as terracotas figurando divindades, animais sagrados ou outros exemplares da variada fauna nilótica, recipientes e lucernas, entre outros modelos, não ofereciam grandes dificuldades na sua produção, até porque a matéria prima era abundante: a argila colhida nas margens do Nilo, a qual tinha virtualidades coroplásticas. Obtida a pasta com a indispensável porosidade e ductibilidade, produzia-se a forma desejada com afeição manual ou com a utilização de moldes (e na p. 12 mostra-se um molde de terracota para a produção de efígies do popular deus Bés, lembrando a que existe no acervo do Museu Nacional de Arqueologia para o fabrico de amuletos, neste caso com a figura do popular Bés em corpo inteiro).

Embora hoje muitas das antigas cores tenham desaparecido, sabe-se que em geral os objetos de terracota eram pintados sobre uma camada branca que cobria a peça depois da modelação, sendo usados o vermelho, o preto, o verde, o azul e o amarelo. Seguiu-se a cozedura, a qual variava no tempo utilizado e nos graus, podendo ir dos 700° a 900° em função da qualidade de acabamento que se desejava (p. 14). Não é possível saber ao certo quem foram os produtores e os encomendadores destas peças tão típicas da Época Greco-romana, sugerindo a Autora que eles pudessem ser estrangeiros radicados no país ou então egípcios helenizados, lembrando que coexistiam tipologias claramente gregas e romanas a par de velhas formas egípcias.

Quanto à iconografia que se pode detetar no acervo do museu catalão, encontramos divindades bem conhecidas como Harpócrates (ou Hórus Criança – Horpakhered na forma egípcia), Osíris e a sua esposa e irmã Ísis, e o apotropaico Bés, acima referido. Não faltam nas terracotas da época figurinhas representando animais, como o cão, o cavalo, o touro, o leão, o crocodilo, a serpente, entre outros, embora na coleção só exista uma figuração do boi Ápis e um cão, a que podemos juntar uma esfinge leonina. E se bem que não estejam representados neste pequeno acervo, convém recordar que eram muito variados os géneros solicitados pela clientela da época, desde atores, atletas, anões, camponeses, dançarinos e orantes, além de figuras femininas com vasos e cestos com fruta, ou tocando instrumentos musicais e por vezes em poses de dança. Haveria ainda que juntar outro tipo de figurinhas que a Autora não refere: os grupos eróticos ou pornográficos,

que são obras caricaturais apelando ao riso ou então produzidos como objetos propiciatórios de potência e de bom desempenho sexual, e onde se pode verificar, em certos exemplares com homens e mulheres em atividade amorosa, que continua presente a velha regra cromática do castanho escuro para o homem e castanho claro para a mulher.

O jovem deus Harpócrates está representado por quatro figurinhas, três delas com a típica iconografia do dedo indicador na boca e com cabeça coroada (a coroa *atefu* ou outra com as altas plumas *kachuti*) e outro exemplar com a tradicional madeixa juvenil caindo da cabeça sobre o ombro direito (pp. 26-31).

A deusa Ísis surge em sincretismo com a helénica Afrodite numa figurinha cujas fotos a mostram desnudada, de frente e de costas, mantendo as mãos junto das coxas, e uma compósita coroa sobre um penteado complexo com madeixas de cabelo entrançado caindo sobre os ombros (p. 32-36), seguida por uma cabeça da mesma deusa com o mesmo tipo de penteado e de coroa, notando-se melhor neste caso a presença de uma pequena cornamenta liriforme envolvendo o disco solar (pp. 36-37).

Podendo ser visto em muitos acervos, incluindo em Portugal, o simpático deus Bés aparece aqui travestido em guerreiro, empunhando um gládio, uniformizado de legionário e com um escudo protetor do lado esquerdo, juntando-se ainda uma cabeça de Bés com a sua característica barba-juba e o início da coroa com elevados penachos (pp. 38-41). O mesmo deus Bés está figurado como personagem secundária diminuta ao lado de um jovem com manto sobre o ombro esquerdo (e que, salvo melhor opinião, poderá ser Harpócrates), num conjunto onde se nota ainda vestígios de cor verde, preto e vermelho (pp. 42-43).

O exemplar que representa um vaso canópico, rematado com uma cabeça jovem de Osíris coroado, numa complexa iconografia que mostra o toucado real *nemsit* (*nemés*) encimado por uma cornamenta de carneiro, o disco solar e altas plumas *kachuti*, é bastante melhor que o seu congénere existente na coleção egípcia do Museu de História Natural da Universidade do Porto. Em todo o caso, ambos os exemplares permitem chamar a atenção para o tradicional erro de chamar «vasos canópicos» aos típicos quatro vasos destinados a conter as vísceras dos defuntos, quando a expressão deve apenas ser reservada para este tipo de vaso cerimonial usado no culto de Osíris (pp. 44-45), feito na cidade de Canopo.

Registemos finalmente uma cabeça do boi Ápis, animal sagrado evocativo do deus Ptah de Mênfis, com um disco solar e uma serpente sagrada (*iaref*) entre uma cornamenta estilizada (pp. 46-47), uma esfinge feminina deitada sobre um soclo (pp. 48-49), um cão deitado sobre um soclo (p. 50) e uma

cabeça masculina muito erodida mas onde ainda se percebe uma madeixa de cabelo no lado direito (p. 51).

Merecem destaque, pela qualidade pedagógica e esclarecedora da informação que ao leitor é aqui facultada, as pp. 52-53, apresentando «la transformaci3n del pasado» que a cole33o catal3a pode proporcionar: 3s imagens de tradicional iconografia eg3pcia de bem conhecidas divindades fazem-se corresponder, em imagens paralelas, as novas propostas greco-romanas habitualmente presentes neste tipo de conjuntos. 3 o que se pode ver com as representa33es de divindades como Os3ris, 3sis, B3s, Harp3crates, que foram alvo de intenso culto na 3poca Greco-romana, al3m das figuras esf3ngicas e do boi 3pis.

Embora este interessante acervo de terracotas do Museu Eg3pcio de Barcelona n3o seja numeroso, ele tem o m3rito de, juntando-se a outros id3nticos conjuntos de outros museus espanh3is, p3blicos e privados, contribuir para aumentar o total de pe3as eg3pcias do pa3s vizinho, vindo a dar um apreci3vel n3mero de exemplares da 3poca Greco-romana feitos de terracota. Um facto por3m chama a nossa aten33o: 3 que tanto no acervo catal3o estudado por Esther Pons Mellado como noutros que acima foram referidos desconhece-se o contexto arqueol3gico da sua descoberta, o que tamb3m se passa com os seus cong3neres existentes em cole33es portuguesas.

Lu3s Manuel de Ara3jo

Hapi, 1, Lisboa: Associa33o Cultural de Amizade Portugal-Eg3pto, 2013, 158 pp. ISBN: 978-972-592-399-3

Foi lan3ado recentemente o primeiro n3mero da revista *Hapi*, editada pela Associa33o Cultural de Amizade Portugal-Eg3pto, que viu em boa hora a luz do dia com o apoio de v3rias entidades, sendo justo aqui destacar a Funda33o Calouste Gulbenkian (na altura presidida pelo Dr. Em3lio Rui Vilar) e a Fomentinvest (com o empenhamento pessoal do seu presidente, Eng. 3ngelo Correia), aos quais se juntam os contributos da APOR (Associa33o Portuguesa de Orientalismo) e do Centro de Hist3ria da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A avaliar por este n3mero inicial, o seu diretor Telo Ferreira Canh3o, que 3 vice-presidente da dire33o da Associa33o Cultural de Amizade Portugal-Eg3pto, ir3 continuar a beneficiar da efic3cia do secretariado, composto por Maria Jos3 de Albuquerque e Alexandra Diez de Oliveira (que tamb3m fazem parte da dire33o da ACAPE), e do conselho de reda33o, que ele integra juntamente com os eg3pt3logos Lu3s Manuel de